



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação

The Paiter Suruí family and the deafness: the challenges of communication

Miriã Gil de Lima

Doutoranda PPGL-UNEMAT (Cáceres/MT). Professora da UNIR-Cacoal/RO. E-mail: miria.gil@unemat.br

Priscilla Alyne Sumaio Soares

Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa - UNESP. E-mail: prisumaio@gmail.com

Resumo

Este artigo aborda a questão do processo de comunicação das famílias indígenas do Povo Paiter Suruí com seus filhos surdos. Objetiva discorrer sobre como ocorre o referido processo entre os surdos indígenas e seus familiares; verificando quais são as dificuldades encontradas e qual a visão familiar acerca surdez. Metodologicamente utilizamos os pressupostos dos estudos pós-críticos de Meyer e Paraíso (2012), segundo os quais não há uma metodologia ou estratégias únicas para procedimentos; mas tão-somente orientações que possibilitam a elaboração de métodos com o intuito de atender os objetivos da pesquisa, adequando às necessidades e articulando teorias e conceitos. De maneira geral, a família executa a função de cuidar, dar proteção e promover a saúde, o bem-estar; incluindo nesse conjunto, no caso das famílias com filhos surdos, a função de promover a aprendizagem de outra língua, a de sinais, neste caso, os Sinais Paiter Suruí - SPS. Os resultados alcançados nesta pesquisa nos mostram que os surdos Paiter Suruí são sinalizantes, usam os Sinais Paiter Suruí (SPS). Entretanto, também constatamos que, em sua maior parte, as famílias participantes do estudo relatam que não se utilizarem de sinais com seus filhos, fazem apenas o uso da língua oral Paiter Suruí e que muitas vezes não há compreensão por ambas as partes. Ademais, os pais relataram o sentimento comum de tristeza por verem seus filhos como alvo de preconceito e não por que, em sua grande maioria, não conseguem a inserção efetiva na sociedade.

Palavras-chave: A Surdo indígena. Família. Comunicação.

Abstract

This article addresses the issue of the communication process between indigenous families of the Paiter Suruí people and their deaf children. The aim is to discuss how this process takes place between indigenous deaf people and their families; to see what difficulties are encountered and what the family view of deafness is. Methodologically, we used the assumptions of Meyer and Paraíso's (2012) post-critical studies, according to which there is no single methodology or strategies for procedures, but only guidelines that enable the development of methods in order to meet the research objectives, adapting to the needs and articulating theories and concepts. In general, the family performs the function of caring for, protecting and promoting health and well-being, including, in the case of families with deaf children, the function of promoting the learning of another language, sign language, in this case Paiter Suruí Signs - SPS. The results of this research show that the deaf Paiter Suruí are signers and use Paiter Suruí Signs (SPS). However, we also found that, for the most part, the families taking part in the study report that they do not use signs with their children, they only use the oral Paiter Suruí language and that there is often no understanding on both sides. In addition, the parents reported a common feeling of sadness at seeing their children as the target of prejudice and not because, for the most part, they were unable to integrate effectively into society.

Keywords: Indigenous deaf. Family. Communication.

Recebido em: 07/08/2023 | Aceito em: 26/08/2023



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

1 INTRODUÇÃO

Devido ao crescente número de surdos nas comunidades indígenas, percebe-se a necessidade de debater sobre as formas e processos de comunicação entre os indígenas surdos e suas famílias.

Ao analisarmos o trajeto histórico dos surdos, observa-se, nitidamente, um percurso marcado por muito sofrimento, lutas e conquistas; tendo os primeiros registros históricos nos apresentados os surdos como pessoas consideradas castigos divinos, sendo, por conseguinte, sacrificados, discriminados, excluídos entre tantas outras situações de humilhação.

Após muitos anos de sofrimento, estudiosos e defensores dos surdos trouxeram à tona que era possível que indivíduos com surdez pudessem se desenvolver por meio da utilização da língua de sinais; constituindo-se tal uso a maior conquista para os surdos e por meio do qual passaram a produzir e dominar conhecimentos, conquistando o reconhecimento cultural. Todavia, é preciso observar que a língua de sinais foi proibida por mais de cem anos em todo o mundo, o que ocasionou um profundo e impactante retrocesso na educação e na vida dos surdos.

Nesse viés, encontram-se também os indígenas surdos, já que, como parte dos direitos pelos quais lutam histórica e socialmente, as comunidades indígenas desejam que os direitos linguísticos de seus filhos surdos sejam reconhecidos para que estes disponham de uma linguagem que lhes possibilite a interação, a comunicação e a inclusão social.

Os surdos sem contato com a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e sem convívio com a comunidade surda sinalizante da Libras, buscam entender o mundo por meio de suas experiências visuais; construindo sinais que viabilizem a comunicação entre seus pares, ou mesmo apontando para o alvo de seus desejos. No entanto, como se observa em sua maioria, tais processo de tentativa de comunicação são frustrantes e não compreendidos por seus familiares e amigos.

A família, de modo geral, é a instituição responsável em promover cuidados, educação e bem-estar de seus filhos, influenciando o comportamento deles no meio social. É ela o agente principal como o papel de socializar seus filhos, transmitindo-lhes valores, costumes,



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

tradições e conhecimentos que foram adquiridos e perpetuados por meio de gerações. Desse modo, o ambiente familiar, antes de tudo, constitui-se como espaço de afeto, de cuidados, de conforto, de bem-estar e segurança que pode proporcionar respeito e dignidade a seus membros.

Frente a essas questões, observou-se a necessidade de se investigar e relatar as formas e processos de comunicação entre os surdos indígenas Paiter Suruí. Desse modo, em decorrência do fato de que a esta pesquisadora nasceu e cresceu no município de Cacoal/RO, era impossível não conhecer o Povo Paiter Suruí e, ainda que com olhares distantes, dado que não se verificava um contato direto com indivíduos dessa etnia; esta pesquisadora já os observava de longe em sua infância. Entretanto, com o fito de potencializar o primeiro contato direto com o Povo Paiter, foram realizadas visitas à aldeia, em 2015, por meio das quais foi possível melhor conhecer suas realidades, cultura e dinâmica social como meio de conhecê-lo e dialogar sobre a pesquisa.

As observações e entrevistas foram realizadas entre os anos 2015 a 2017, durante a pesquisa do Mestrado em Letras promovido pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. As pesquisas foram realizadas especificamente na Aldeia Gapgir, na Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal, estado de Rondônia, localizada a 50 quilômetros do centro urbano.

Nesse sentido, e em razão dos pressupostos utilizados, este artigo tem como objetivo relatar como ocorre o processo de comunicação entre os surdos indígenas e seus familiares; verificando quais são as dificuldades encontradas no cotidiano familiar, bem como identificar a visão que os pais têm a respeito da causa sobre a origem da surdez.

Ao olharmos para os surdos a partir de suas diferenças, é possível vê-los como possuidores de identidade cultural; afastando-se, assim, a ideia preconcebida e discriminatória de um indivíduo com um corpo danificado e deficiente; aos encontram impostas barreiras intransponíveis para inserção e participação social efetiva.

Partindo de tais objetivos, a metodologia utilizada no presente estudo, encontra-se pautada nos pressupostos dos estudos pós-críticos, os quais nos permitem elaborar métodos



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

para alcançar os objetivos propostos; sem que, contudo, constituam-se em uma receita pronta e acabada, mas que se apresente flexível às necessidades do estudo idealizado, dando possibilidades à articulação e elaboração de teorias e conceitos.

Os resultados alcançados na pesquisa realizada deixam evidentes que os surdos Paiter Suruí são sinalizantes, utilizam os SPS; porém, em sua maioria, as famílias participantes da pesquisa afirmaram que não se valem da utilização dos sinais no processo de comunicação com seus filhos, tendo tão-somente ressaltado que utilizam a comunicação oral-auditiva por meio da Língua Paiter Suruí, o que, como destacado, muitas vezes torna incompreensíveis as mensagens e tentativas de comunicação entre familiares e indígenas surdos. Tais ocorrências, como enfatizado pelos relatos durante as entrevistas; geram um profundo e intenso sentimento de tristeza; uma vez que familiares e pais veem seus filhos ou parentes como alvo diretos de preconceito e discriminação por não estarem inseridos na sociedade indígena ouvinte.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A metodologia da pesquisa foi ancorada nos pressupostos dos estudos pós-críticos que, de acordo com Meyer e Paraíso (2012), não apresentam um método definido; ou seja, não constituem um receituário acabado a ser seguido, mas representam um conjunto de pressupostos flexíveis, os quais se realinham a fim de atender aos objetivos da pesquisa; constituindo-se, assim, de acordo com as necessidades, em procedimentos que vão sendo definidos e se articulam às teorias e conceitos fundamentais para compreensão do fenômeno focalizado. Desse modo, na compreensão da metodologia pós-crítica, a “metodologia deve ser elaborada no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas”. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15).

Por conseguinte, para concretização dos estudos propostos, esta pesquisa foi realizada entre os anos de 2015 a 2017, para a construção de dissertação do Mestrado em Letras, promovido pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – e para qual efetivação foram



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

realizadas entrevistas com famílias de surdos Paiter Suruí, focalizando a questão da aceitação da surdez dos filhos.

Foram utilizadas na pesquisa de campo, técnicas da etnografia pós-moderna, como diário de campo para o registro das observações realizadas na aldeia; além da recorrência a registros escritos, gravações em áudio das entrevistas que, logo após as entrevistas, foram analisadas pela pesquisadora.

Recorreu à utilização da etnografia pós-moderna, que de acordo com Sales (2012), permite ao pesquisador uma ruptura com as formas convencionais de realizar a pesquisa, concedendo a ele mergulhar no campo da pesquisa, ter contato direto com os elementos culturais do contexto analisado; procedimentos essas fundamentais a fim de que fosse possibilitada a observação necessária para que a pesquisa alcançasse a apreensão/compreensão da linguagem e dos conceitos construídos histórica e social junto aos indivíduos e grupos abordados.

Participaram da pesquisa seis famílias indígenas com filhos surdos, todos residentes na aldeia Gabgir, linha 14, Cacoal/RO. Quanto ao número de surdos da aldeia, não há registro em documentos oficiais, mas durante a realização da pesquisa foram contabilizados 09 (nove) surdos que residem na aldeia, sem que, contudo, conseguíssemos estabelecer contato com todas, além do fato de que outras famílias não quiseram participar da pesquisa.

Com o intuito de garantir o sigilo e proporcionar privacidade e confiabilidade aos participantes quanto aos dados de natureza particular envolvidos na pesquisa, foram adotados nomes fictícios para as famílias participantes; priorizando nomes indígenas como Potira, Majui, Mairarê, Abaeté, Kaluanã e Anahi, conforme consta no termo de consentimento livre e esclarecido, assegurado a eles pela pesquisadora.

Os dados encontrados foram analisados a partir de elaboração de estratégias descritivo-analíticas, baseadas em pressupostos da pesquisa pós-crítica, a qual possibilita entrelaçar os saberes e o direcionamento a caminhos condizentes com os objetivos propostos; permitindo assim, averiguar como ocorre o processo de comunicação entre os surdos



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

índigenas e seus familiares, bem como a verificação de quais são as dificuldades encontradas no cotidiano familiar e a visão das famílias sobre a provável causa da surdez.

Conforme Meyer e Paraíso (2012), na metodologia pós-crítica, não há uma única teoria que sustente as pesquisas, mas é de suma importância saber realizar a articulação dos saberes existentes, selecionando os pressupostos de relevância aos estudos realizados, com o intuito de possibilitar a construção de novas visões acerca do objeto em estudo.

3 BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE A SURDEZ

Ao analisar o percurso histórico sobre a surdez, depara-se com diferentes tratamentos aos surdos na sociedade ouvinte.

De maneira sucinta, os surdos na Antiguidade eram banidos, vistos como uma aberração, uma maldição divina. Choi (2011) reitera que os surdos na Grécia eram considerados incompetentes, incapazes de raciocinar, pois para os gregos qualquer desvio do padrão estético era visto com desprezo, ou seja, um peso para sociedade.

Segundo o autor supracitado, os surdos não possuíam uma linguagem, e para os filósofos gregos, o pensamento só poderia ser concebido por meio de palavras articuladas. Desta feita, os direitos dos surdos eram negligenciados e eles condenados à morte, visto que incomodavam a sociedade. Na China eram lançados ao mar, em Esparta eram jogados do alto dos rochedos. Entretanto, diferentemente dessa visão comum na Antiguidade, no Egito os surdos eram considerados “escolhidos”, pois seu silêncio conferia a eles um ar místico, sinalizando uma profunda ligação com o sobrenatural.

Com o passar dos anos, os surdos sobreviventes aos tratamentos discriminatórios e preconceituosos frutos dos devaneios humanos, sofreram privações linguísticas, pois não tinham acesso à língua natural da sociedade em geral, a língua oral; além se serem proibidos de utilizarem a língua de sinais existente na época. Desse modo, de uma forma geral, de acordo com Veloso e Maia (2013), os surdos eram abandonados, rejeitados e isolados, o que trazia a eles muito sofrimento e exclusão social.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

A história dos surdos e de sua relação com a língua passaram por várias fases. Foram muitas tentativas frustradas de tutores como Pedro Ponce de Leon (1520-1584), que de acordo com Choi (2011), objetivava ensinar os surdos a falarem e escreverem, para que assim tivessem o direito à herança, via utilização de um alfabeto manual que era sinalizado com as duas mãos. Muitos surdos, cuja perda auditiva era menor, tiveram êxito com esse método; no entanto, em sua grande parte, outros não conseguiram aprender a falar em razão de perda sensorial mais profunda.

Conforme Choi (2011), no fim do século XVIII, foram fundadas as primeiras escolas para surdos. Charles-Michel de L'Epée, foi o fundador da primeira escola para surdos no mundo, situada na França, onde era priorizada a Língua de Sinais Francesa (LSF), modalidade aprendida com surdos nas ruas de Paris e utilizada como forma de comunicação.

A educação dos surdos passou, por conseguinte, de individual para coletiva; mostrando à sociedade da época que, mesmo sem falar uma língua oral, os surdos eram humanos e indivíduos capazes de se comunicarem interativamente. Mais tarde, os surdos formados pelo Instituto de Surdos de Paris passaram ser multiplicadores e fundaram escolas pelo mundo, até mesmo no Brasil.

Choi (2011) pontua que, após o Congresso de Milão em 1880, a língua de sinais foi proibida, o método oral passou a ser imposto na Europa e se estendeu por todo o mundo, imposição essa que perduraria por quase cem anos. No entanto, mesmo havendo a proibição do uso da língua de sinais nas escolas e na sociedade em geral, ela nunca deixou de ser usada por surdos adultos, os quais passaram a criar associações de surdos, em sua maioria entidades vinculadas às igrejas que protegiam e incentivavam a comunicação dos surdos por meio da língua de sinais.

De acordo com Choi (2011), a proibição do uso da língua de sinais trouxe grandes perdas para os surdos que se manifestaram como baixo rendimento escolar, o que os impossibilita de seguir para o ensino médio e superior. O espaço escolar, com o treino da fala, passou a ser um centro terapêutico, descaracterizando a escola como instituição de ensino e ampliação de conhecimento.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

Desenvolvidas por William Stokoe, por volta de 1960, surgem as primeiras pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana (ASL). Conforme Sacks (1990) ele foi o primeiro defensor de que a ASL, era um conjunto de línguas naturais e como qualquer língua oral deveria ser estudada pela Linguística. Ele defendia que assim como as línguas orais, a língua de sinais tinha princípios de organização estrutural.

A partir de suas pesquisas, Stokoe em 1960 destacou que os sinais não eram desenhos holísticos feitos no ar como se imaginava, mas sim itens lexicais, possíveis de decomposição em unidades menores assim como as palavras das línguas orais.

A língua de sinais embora seja estudada e defendida há algum tempo, e seja a maior manifestação cultural do povo surdo, ainda é vista de forma preconceituosa e para alguns, que assim o creem, o surdo é somente um sujeito que vive em um mundo isolado, silencioso e que, por meio da língua oral, é possível que ele compreenda tudo que é dito. Sendo assim, os surdos não necessitam de uma língua específica. Contudo, é preciso observar que Quadros afirma que as línguas de sinais “são línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral e sim o canal espaço-visual como modalidade linguística”. (QUADROS, 1997, p. 21).

Com estrutura e gramática próprias, a língua de sinais é a língua natural dos surdos, que surge de forma autêntica; sendo, pois, consequência da interação entre as pessoas e, portanto, resultante da necessidade da comunicação e expressão entre os seres humanos. Dessa feita, como língua, por meio dela é possível manifestar todo e qualquer significado e conceitos.

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. (BRITO, 1997, p. 17).

Historicamente os surdos foram censurados por usarem a língua de sinais. No Brasil, os surdos se apropriam da Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida como meio de



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

comunicação e expressão, legitimada enquanto língua pela lei 10.436 (2002), que a reconhece possuidora de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria que se constitui num sistema linguístico, objetivando a transmissão de ideias, conceitos, opiniões e acontecimentos.

Os estudos sociolinguísticos fundamentam que é inegável a relação entre língua e sociedade. Para a Sociolinguística, toda língua apresenta variações que decorrem da heterogeneidade existente nos fenômenos linguísticos.

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21).

A língua não existe fora da sociedade, pois é decorrente da necessidade que os seres humanos possuem de se comunicarem, organizarem e de transformar o espaço social onde estão inseridos; atribuindo, dessa forma, significados à realidade por meio do desenvolvimento de valores, crenças e costumes que lhes possibilitam o estabelecimento de modos de vida de cada grupo, norteados de forma individual ou coletiva por um determinado período pela maneira de pensar, agir, sentir e crer de seus indivíduos.

3.1 POVOS INDÍGENAS DO BRASIL E A SURDEZ

Na época da colonização do Brasil, de acordo com a FAPESP (1998) a estimativa é que a população indígena do país somava de dois a cinco milhões de pessoas. Esse número, devido às diversas doenças, dizimação pelos colonizadores, disputa de terras, entre outros fatores, foi reduzido drasticamente. Muitas etnias foram proibidas de usarem sua língua e praticarem sua cultura. Muitos foram forçados a aprenderem a Língua Portuguesa, trabalhar e agir como os europeus, ainda que não gozassem dos mesmos direitos que estes.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

Conforme Mendes (2017), na Amazônia brasileira, dentre as mais diversas etnias dos povos indígenas, estão os Paiter Suruí, que chegaram à região fugindo dos conflitos por terras e por buscarem a liberdade.

Em Rondônia, na região do atual município de Cacoal, o primeiro contato com o Povo Paiter Suruí ocorreu por volta de 1969 com o processo de colonização do estado, contato esse que trouxe aos indígenas graves consequências, tais como a dizimação de centenas deles, devido às doenças e às disputas de terras. Ademais, observa-se que foram obrigados a aprender a Língua Portuguesa como tentativa de sobrevivência em meio à hostilidade da época. Os indígenas, assim como os surdos, sabem bem o que é não poder se expressar em sua língua natural.

Nesse sentido, é fundamental observar quando Strobel (2008) ressalta que o surdo só terá êxito em seu desenvolvimento cognitivo, cultural e emocional, por meio da língua de sinais. Em razão de tais imperativos, os surdos criaram as línguas de sinais devido à necessidade de comunicação e expressão; constituindo-se, pois, sua linguagem como parte integrante da cultura e identidade surda meio e forma de o indivíduo surdo acessar, dominar e transmitir conhecimentos.

De modo especial, quando se trata da questão de comunicação e interação de surdos indígenas; faz-se necessário atentar para Strobel (2008) quando afirma que, no processo de construção da identidade e da cultura, deve-se entender que o contato linguístico é fator fundamental. Assim, é importante notar que, em sua maioria, indígenas surdos vivem em comunidades afastadas e têm a comunicação baseada na criação de sinais emergentes. Nesse mesmo sentido, Vilhalva (2012, p. 30) enfatiza que “[...] os sinais emergentes, também considerados sinais caseiros, são essenciais, quando vistos como comunicação natural usada em um espaço familiar ou social [...]”.

Strobel (2008), ainda, alerta para o fato de que indígenas surdos compartilham das mesmas particularidades que membros de comunidades surdas não indígenas; e, como tais, constroem visões de mundo a partir de artefatos culturais pertencentes à própria cultura e identidade, baseados em suas experiências visuais.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

Os indígenas surdos Paiter Suruí, assim como as demais comunidades surdas indígenas do Brasil, criaram seus sinais a partir de suas experiências visuais; exclusivas de sua cultura e com peculiaridades diante das demais culturas, resultantes da interação entre os surdos indígenas Paiter, e em decorrência da necessidade de comunicações entre seus pares.

A partir dessas premissas, cabe a nós olharmos e relatarmos, sem julgarmos, o entendimento que as famílias Paiter Suruí têm em relação à surdez de seus filhos e como ocorre o processo de comunicação entre eles e seus filhos surdos.

4 RESULTADOS

4.1 FAMÍLIAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

De acordo com os dados obtidos junto ao Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais (NPDS) e Núcleo de Coordenação de Promoção e Cidadania (NCPC – FUNAI) - Coordenação Regional de Cacoal, em 2015; a população do Povo Paiter Suruí nas aldeias localizadas na Terra Indígena Sete de Setembro, em terras pertencentes ao município de Cacoal-RO, eram estimadas em torno de 1.469 pessoas, com 327 famílias no total.

Somente na aldeia Gapgir, a população, em 2015, segundo dados fornecidos pela FUNAI, era composta por 240 pessoas. Desse contingente populacional, participaram desta pesquisa somente seis famílias aqui denominadas de família Potira, família Majui, família Mairarê, família Abaeté, família Kaluanã e família Anahi.

No ano da realização da entrevista, a família Potira era composta pelo pai, a mãe e cinco filhos; entre eles, Potira, a filha mais velha, surda, com 17 anos e que se encontrava matriculada no ensino médio. Os pais de Potira trabalham na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, localizada na aldeia Gapgir. Ele, 42 anos, nasceu em uma aldeia em Espigão do Oeste (RO), pertencente ao clã Kaban. Ela, 36 anos, nasceu na aldeia onde reside, pertence ao clã Gapgir.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

Outra família participante é a família Majui Piatã. O pai pertence ao clã Gapgir, tem 37 anos, professor E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana; a mãe, pertence ao clã Kaban, tem 32 anos, é do lar, não trabalha fora e, em casa, confecciona artesanatos indígenas. Ambos são nascidos na aldeia Gapgir, o casal tem seis filhos, entre eles, dois são surdos: uma adolescente de 13 anos, matriculada regularmente no ensino fundamental e que nesta pesquisa recebeu o nome de Majui; e um outro filho com surdez, um jovem de 15 anos que frequenta a escola no ensino fundamental e nesta pesquisa foi nomeado de Piatã.

A terceira família participante é a família Abaeté que, ao todo, é composta por 40 pessoas, sendo o pai nascido em Mato Grosso, pertencente ao clã Gapgir, com 58 anos, sem exercício de função remunerada; a mãe tem 45 anos, nascida na aldeia onde reside, também não exerce função remunerada, ocupando-se de atividades do lar, pertence ao clã Gameb. O pai tem 29 filhos, dentre os quais um possui surdez neurossensorial; trata-se de um jovem de 18 anos, que frequenta a escola no ensino fundamental e na pesquisa é nomeado Abaeté. O casal tem outro filho, de 28 anos, com surdez parcial, mas que não participou da pesquisa.

O quarto grupo participante é a família Kaluanã, formada por quatro pessoas. O pai tem 24 anos e pertence ao clã Kaban; a mãe, com 20 anos, é do clã Gapgir; ambos nasceram na aldeia onde residem e exercem função remunerada; ele trabalha na roça e ela em casa. O casal tem dois filhos, o mais velho tem 06 anos, é surdo, estuda no 1º ano do ensino fundamental e na pesquisa é denominado Kaluanã.

A sexta e última família participante da pesquisa é a família Anahi, o pai pertence ao clã Kaban, tem 31 anos, é professor da E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana, a mãe pertencente ao clã Gapgir, trabalha em casa, tem 22 anos. O casal tem três filhos, sendo que a segunda filha do casal é surda, tem 09 anos, frequenta a escola e está cursando o ensino fundamental, nesta pesquisa será denominada Anahi.

4.2 FAMÍLIA: A DESCOBERTA DA SURDEZ



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

É no campo das relações sociais que ocorre o desenvolvimento humano, definindo o comportamento dos indivíduos em determinado contexto social em que são perceptíveis influências das crenças, de valores e de normas, cuja ação e atuação definem os papéis sociais perante a sociedade na qual esses indivíduos participam.

A sociedade se inicia na família, ambiente primário em que os indivíduos apreendem e organizam conceitos, adquirindo maturidade por meios de trocas entre seus membros, o que justifica as diversas maneiras observáveis de se educar. Desse modo, a educação é um processo gradual e contínuo indo do nascer ao morrer e junto ao qual a família é considerada a principal formadora do caráter de um ser humano e por meio da qual ocorrem as primeiras relações de afeto que determinarão o convívio social que possibilitará, ou não, a adaptação dos indivíduos.

Conforme Quadros (2000), no decorrer da interação social, a conversa; ou seja, o diálogo propicia a compreensão das dúvidas, as percepções de amor e carinho, assim como todo um conjunto de emoções e percepções frente a si mesmo e aos outros, frente ao mundo. Nesse viés, a autora afirma que é necessário que os indivíduos estabeleçam uma mesma linguagem para que ocorra a comunicação de qualidade no processo de interação familiar e, por conseguinte, no processo de formação do indivíduo como um todo.

Quadros (2000) esclarece ainda que deficiência não é um problema que a pessoa possui, mas tão-somente de quem a vê, gerando ou preconceito, ou aceitação dessa condição. Para Almeida (1993), para a família a descoberta da existência de deficiência junto a um de seus membros é um processo traumático e em cujo decurso busca-se uma justificativa que explique ou elucide a ocorrência da deficiência no seio familiar. Em grande parte, as famílias recusam-se a admitir a deficiência do filho, o que, não em raros casos, gera uma busca tardia para o atendimento do deficiente, o que prejudica, de forma intensiva, o desenvolvimento de suas habilidades.

Santana (2007), corroborando com as observações anteriores, afirma ainda que ter um filho surdo, na concepção comum de muitas famílias, é viver o luto do filho que foi idealizado, mas que não chegou. No decorrer do processo de aceitação e entendimento do filho



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

deficiente, mais tarde, surge a fase da raiva por esperar resultados que não são obtidos; da depressão e da negação que surgem em decorrência da falta de adaptação à condição de se ter um filho deficiente. Assim, a surdez não é compreendida pelos ouvintes por ser uma deficiência invisível, mas que interfere profunda e sensivelmente no processo de desenvolvimento social, emocional e educacional da pessoa surda.

Junto à comunidade do Povo Paiter Suruí esse processo de descoberta, de aceitação e de tratamento para com o deficiente não é diferente. Aqui será relatado o entendimento dos pais dos surdos indígenas, a visão que possuem acerca da surdez e as possíveis explicações ou entendimentos para sua origem e causas.

As informações aqui contidas são frutos das entrevistas realizadas no decorrer do ano de 2016, quando, até então, não se observava a existência de literatura que tratasse, especificamente, sobre a surdez e a visão do Povo Paiter a respeito dessa questão.

A família de Potira relatou que as primeiras desconfianças sobre a surdez da filha ocorreram após os dois primeiros anos de vida, pois nessa idade, as crianças Paiter Suruí já falam “pai e mãe” na Língua Paiter. Potira, no entanto, ainda não pronunciava estas palavras. A certeza veio quando ela já tinha cinco anos de idade, quando, só então, começou a falar poucas coisas e com muita dificuldade. O pai de Potira acredita que a surdez é herança genética da família da esposa; uma vez que ela tem em seu histórico familiar, irmão, irmã, tia e sobrinhos com perda auditiva.

Segundo ele, o primeiro caso de surdez entre o povo da sua comunidade foi detectado por volta de 1989, antes ele nunca tinha ouvido falar sobre surdez. Seu relato revela que sua maior dor é saber e ver sua filha sendo discriminada, sofrendo preconceitos dos próprios parentes.

O pai de Majui e Piatã declara que só percebeu que os filhos “*não ouviam bem*” quando eles tinham aproximadamente cinco anos de idade. “*Eles não falavam quase nada*”, relatou o pai. A certeza da surdez veio com o diagnóstico médico. Segundo o pai, o médico informou que a provável causa da surdez, na visão clínica, era devido à forma de casamento praticada pela cultura de seu Povo (do tio que se casa com a sobrinha, a filha da irmã); porém, na visão



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

cultural do Povo Paiter, não há esse grau de parentesco e, por isso, eles não se consideram parentes. Portanto, culturalmente falando ainda não havia uma explicação para a surdez dos filhos.

Quando relatam sobre os sentimentos que a surdez ocasionou junto a eles, os pais da família Majui e Piatã demonstraram-se emocionados, declararam que sentem muita vontade de conversar com os filhos, pois percebem que eles querem falar e ouvir e sentem que seus filhos querem sair com os amigos ter *“uma vida normal, o que não é possível”*, segundo os pais.

O pai da família Abaeté contou que desconfia que a surdez do filho esteja relacionada ao fato dele ter caído da cama, umas três vezes, quando o filho tinha entre três e quatro meses de vida. Relata que observou que o filho era surdo por volta de um ano de idade.

Os pais da família Kaluanã declaram que perceberam que o filho era surdo e não ouvia por volta de um ano de idade; relatando que o fato que os levou a desconfiarem da surdez do filho, foi devido a ele quando pequeno, gritar muito e não pronunciar pequenas palavras como habitualmente as crianças dessa idade o faziam. A confirmação da surdez veio com o diagnóstico médico. Relataram; que desconhecem o motivo da surdez, embora haja parentes com surdez na família, mas que, por questões culturais, eles não declaram ter parentes.

Conforme o relato do pai da família de Mairarê, eles perceberam que *“havia algo de diferente”* com a filha por volta de um ano de idade, pois achavam muito estranho o fato de a filha não se assustar com barulhos, não chorar e não reclamar, ocorrências que confirmariam o diagnóstico da surdez por volta dos três anos de idade.

Com relação às prováveis causas da surdez, o pai faz o relato muito emocionado e com muita tristeza em seu olhar; diz ele que acredita que a causa está relacionada ao nascimento de Mairarê, pois conforme ele, *“por ser a primeira filha, a minha esposa era nova e não sabia fazer o parto”*. Ele relata que a esposa ficou aproximadamente 10 horas em trabalho de parto e que, ao nascer, a criança estava roxa e com a cabeça machucada. Acredita, assim, que a demora do parto foi a causa principal da surdez da filha. Foi perceptível a tristeza em seu olhar,



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

a maneira como falou e a expressão em seu rosto deixou nítido o seu julgamento, atribuindo à esposa a responsabilidade pela ocorrência da surdez da filha.

Bergam (2001), *apud* Furtado (2008), enfatiza que

muitos pais se privam de viver suas vidas dedicando-se aos filhos tidos como deficientes. Salienta também que é muito comum o sentimento de culpa dos pais, negação, indiferença, superproteção, vergonha, ódio de si mesmos e da criança, ressentimento medo, impotência etc. (BERGAM, 2001 *apud* FURTADO, 2008, p. 24).

Um pouco mais tímida que as demais famílias, a de Anahi, relatou que ela já nasceu com surdez e que, de acordo com o pai, na família não há outra pessoa surda. O pai relatou que observaram que a filha era surda aos três anos de idade; pois, segundo ele, Anahi não pronunciava uma única palavra na Língua Paiter; o pai ainda ressaltou que ela só não falava, mas que mesmo de longe conseguia ela ouvir, situação essa para a qual o pai não tinha explicação. Ele diz que levou a filha ao médico, mas que devido a estranheza do lugar onde o exame seria realizado, a criança chorou muito, assim o médico não conseguiu realizar os procedimentos necessários e diagnosticar se ela realmente era, ou não, surda.

As famílias participantes da pesquisa foram unânimes em relação aos relatos acerca das dificuldades encontrados ao que se referirem ao processo e tentativas de comunicação entre eles e seus filhos surdos; uma vez que consideram insuficientes e frustrantes as tentativas e procedimentos para sua efetivação, tanto pela família, quanto junto aos demais membros da comunidade onde residem.

Em seus relatos, observam que os seus filhos surdos também são prejudicados quanto ao processo de ensino-aprendizagem na escola, pois a comunicação é muito restrita, os professores utilizam somente a Língua Paiter oral. Desse modo, ressaltam que o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos surdos fica extremamente prejudicado, já que, por apresentarem deficiência auditiva, têm a capacidade de comunicação altamente limitada, tornando a comunicação oral ineficiente para o aceso e domínio de conhecimentos de que necessitam par seu processo de formação educacional.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

De igual forma, a maioria das famílias participantes também relatou desconhecer os sinais utilizados por seus filhos surdos na tentativa de estabelecer um código comunicacional com os outros membros da família e da sociedade. Somente uma família afirmou buscar interagir e conhecer os sinais utilizados por seu filho surdo; pois segundo essa família, esse conhecimento irá favorecer o processo de comunicação entre eles e seu filho. As demais famílias participantes afirmaram que utilizam, na maioria das vezes, a Língua oral Paiter, e quando não ocorre o entendimento, recorrem à utilização de desenhos, mímicas e o apontamento para que haja o entendimento entre eles e seus filhos.

4.3 OS ENTRAVES DA COMUNICAÇÃO PAITER SURUÍ

As entrevistas foram realizadas no ano de 2016, junto às quais se observou, pelo relato da maioria das famílias participantes, que o principal tipo de comunicação estabelecida entre eles e os filhos surdos é realizado por meio da utilização da modalidade oral da Língua Paiter.

A família Potira relatou que, além da comunicação oral com a filha na Língua Paiter, há momentos de comunicação na Língua Portuguesa, e que raramente se utilizam de gestos para se comunicarem no ambiente familiar. A mãe enfatizou que por receio, ela nunca utiliza gestos com Potira, pois teme que a filha sofra algum tipo de preconceito. A mãe relata que a filha, por ser surda, sofre preconceitos das irmãs, pois riem dela por não ouvir. A mãe revela que a atitudes das filhas traz dor e sofrimento, que as filhas ouvintes são corrigidas e aconselhadas para que não cometam mais esse tipo de preconceito para com a irmã que é surda. Ela relata que todos os filhos são amados de igual forma, que não há privilégios.

Em seu depoimento, o pai de Potira ressaltou que o preconceito não ocorre somente em casa, mas em toda a aldeia, e que a atitude dos parentes, os fere. Os pais afirmaram que, não havendo entendimento por parte deles por meio da língua oral Paiter ou por meio dos gestos; Potira quando possível os leva até o local e mostra por meio de apontamento o que deseja. Assim, eles afirmaram que, mesmo sem entender exatamente o que ela quer naquele



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

momento, eles sempre falam sobre as necessidades básicas e reiteram que são compreendidos por Potira.

Sobre essa questão da necessidade aprendizagem pela família dos códigos comunicativos utilizados pelos filhos surdos; Negrelli e Marcon (2006, p. 104), corroboram ainda que “a família, muitas vezes por não tentar aprender a língua de sinais (LS), conversa [...] apenas assuntos relacionados às suas necessidades básicas e momentâneas como comida, bebida, banho etc.”.

Fica evidente que todas as famílias participantes precisam aprender os SPS, pois a utilização desses sinais pode viabilizar a comunicação de maneira mais significativa, não havendo frustrações e nem perda de informações por nenhuma das partes envolvidas; uma vez que, segundo Negrelli e Marcon (2006, p. 103), com a utilização dos sinais, de fato, “a participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilita a esse indivíduo a interação com o mundo e torna o convívio mais agradável e feliz”.

A família de Potira destacou também que ela se irrita com facilidade quando percebe que falam dela, o que implica as questões relativas aos relacionamentos familiares, os quais conforme Filho e Oliveira (2010), constituem o principal desejo dos filhos surdos no sentido de desenvolver um bom relacionamento com todos os membros do grupo familiar. Nesse sentido, conforme os autores supracitados, ter um bom relacionamento familiar é essencial, pois contribui para com o desenvolvimento psíquico e, por conseguinte, nas demais fases da vida. Assim, a comunicação na relação familiar deve ocorrer de forma significativa para que as dúvidas sejam sanadas, para que haja demonstração de amor e carinho entre os envolvidos principalmente quando do envolvimento com questões relativas à surdez, já que

[...] tratando-se de crianças surdas, elas utilizam a apontação para indicar os referentes ou podem atribuir a conotação de posse ao apontar um objeto.... Um outro aspecto presente na gestualidade é o uso do apontamento em combinação com o olhar... isto acontece porque a criança deseja estabelecer contato com os que a cerca, por exemplo, quando uma criança olha para o um objeto e, em seguida, para sua mãe, ela pode estar informando que deseja o objeto. (STOBIN, 1979 *apud* FARIA; ASSIS, 2011, p. 16).

Para que ocorra uma comunicação eficiente, faz-se necessário que a família do surdo indígena aprenda os SPS, o que tornará a comunicação eficaz; assim, o surdo passará a ser



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

compreendido, suas necessidades observadas e sanadas, proporcionando-lhe o sentimento de aceitação por parte, inicialmente, de sua família e, posterior e conseqüentemente, pela comunidade onde vive.

Outro relato importante é da família Majui Piatã. Os pais mencionaram que sempre se comunicam com os filhos surdos de forma oral-auditiva, na Língua Paiter. Embora consciente da surdez dos filhos, o pai, que é professor, diz que não usa os SPS em seu cotidiano com os filhos, pois ele narra não possuir habilidades para tal utilização, mas afirma que faz uso da apontação quando necessário. A mãe afirma nunca usar os gestos, nem tão pouco a apontação. Os pais ainda mencionaram que, quando a comunicação oral com os filhos é insuficiente, recorrem ao desenho como uma forma de comunicação mais elucidativa.

O pai de Abaeté relatou que encontra muita dificuldade na comunicação com seu filho surdo, pois quase nunca consegue informar algo ao filho. Entretanto, quando há necessidade de transmitir algum conhecimento para Abaeté, ou fazer algum pedido; ele solicita a seus filhos mais velhos que o auxiliem. Assim, afirmou transmitir o recado em língua oral-auditiva, ou seja, a Língua Paiter.

Os familiares de Kaluanã reconhecem usar tanto a língua oral Paiter quantos os SPS na comunicação diária com seu filho, e admitiram que buscam aprender com o filho os SPS para viabilizar a comunicação eficaz no cotidiano com seu filho surdo.

Os pais de Mairarê relataram que o processo de comunicação com a filha surda ocorre por meio da oralidade, na Língua Paiter; mas assumiram que, quando há necessidade usam alguns SPS. Informaram ainda que Mairarê tem um irmão com quem ela mantém a comunicação constante e por meio utilização de sinais.

A família de Anahi relata que sempre procura conversar com a filha surda de forma oral-auditiva, os pais afirmaram que ela os entende muito bem e que não há a necessidade da utilização de sinais em casa. Disseram que a filha utiliza sinais com os colegas da escola. Porém, durante todo processo de observação na aldeia. em nenhum momento ela foi flagrada utilizando de sinais em sua comunicação, ou mesmo fazendo apontamentos, nem mesmo na escola como informado pela família, mas somente utilizando a língua oral Paiter.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

Vale destacar que é de fundamental importância que os SPS sejam mantidos e incentivados pelo Povo Paiter Suruí, pois a língua de sinais é essencial para a cultura surda e indispensável ao surdo, à família e à comunidade de maneira geral. Os sinais não podem ser desprezados, uma vez que a comunicação e a interação propiciam aos surdos os sentimentos de acolhimento e inclusão, tanto no contexto familiar, na comunidade indígena, quanto na sociedade de maneira geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante perceber a cultura surda a partir das experiências visuais, entender e respeitar suas particularidades, já que é por meio delas que os compreendem a vida, sentem e significam a si mesmos e ao mundo. É por meio da língua de sinais que os surdos carregam suas vivências, imprimem suas experiências e compõem suas narrativas, sua história.

As entrevistas revelaram que as famílias têm dificuldades para estabelecer uma comunicação eficaz, com riqueza de detalhes ou mesmo abordar assuntos abstratos. Observou-se uma grande dificuldade das famílias indígenas quanto ao processo de aceitação da surdez como uma diferença sensorial; e dificuldades para se referirem aos SPS e aceitação destes, o que compromete sensivelmente o relacionamento familiar por falta de comunicação mais clara e interativa.

As famílias relataram que muitas vezes não há entendimento entre as partes, pois os pais desconhecem os SPS. É por isso que Almeida (1993) ressalta que é papel da família cuidar, educar, transmitir valores e influenciar no comportamento de seus filhos, ações essas que só se concretizarão possíveis por meio de uma língua em comum. Assim, aprender os SPS poderá favorecer a aproximação dos surdos com suas famílias, redimensionando e ampliando as condições para efetivação de um ambiente norteado pela troca de afeto, pela presença do amor e pelas atitudes de carinho.

Observou-se ainda que os indígenas surdos vivem em um ambiente trilingue, pois usam os SPS, a Língua oral Paiter Suruí e a Língua Portuguesa oral; que deixa nítido que o



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

processo de comunicação entre os surdos e suas famílias é extremamente complexo e prejudicado pela inexistência de uma linguagem básica que os una e que melhor favoreça a interação entre todos.

Mediante a realização da pesquisa com as famílias indígenas Paiter Suruí que têm filhos surdos, foi possível constatar que a maioria das famílias se comunica com seus filhos de maneira ineficaz, uma vez que as famílias desconhecem os SPS. Nesse sentido, Vilhalva (2012) enfatiza que a língua de sinais deve ser incentivada e difundida na comunidade porque:

quanto mais frequente for o uso do espaço visual onde a Língua de Sinais esteja presente, quanto maior for sua presença na área acadêmica e quanto mais estudo houver, mais bem firmes e detalhadas serão as maneiras de o índio surdo sinalizar. Quanto mais envolvidos com o movimento surdo, com as comunidades surdas, quanto mais assistirem aos DVDs em Língua de Sinais, mais desenvolvuras terão. Quanto mais exemplos tiverem de seus pais, se estes forem sinalizadores e/ou professores bilíngues, mais facilmente se comunicarão com os demais nesta língua visual. (VILHALVA, 2012, p. 57).

Nesse contexto vale ressaltar que há a importância de se incentivar o uso, valorização e manutenção dos SPS, reforçar a aprendizagem desses sinais pelas famílias e a comunidade de maneira geral.

A existência e utilização comum, por ouvintes e surdos, de uma língua de sinais com elementos e representação próprios da língua e da cultura do grupo indígena; constitui-se como fator decisivo para a existência, participação e interação de deficientes auditivos na família, na comunidade do grupo e na sociedade em geral. Nesse contexto Sumaio (2014), ressalta que os surdos terenos criaram “sem influência externa alguma, uma língua de sinais própria. Esta é utilizada por toda a comunidade, tanto por ouvintes quanto por falantes, sendo toda a sociedade bilíngue”. (SUMAIO, 2014, p.13).

Conclui-se, por conseguinte, que a disseminação e utilização dos SPS, pelas famílias e comunidade indígena Paiter Suruí; sem dúvidas irá favorecer os surdos indígenas desta etnia, pois só assim se sentirão parte como integrante da comunidade indígena; tendo acesso efetivo e interativo a direitos inalienáveis como a educação, a participação social e à formação profissional e na vida. Somente assim serão realmente incluídos como membros do ambiente familiar, da escola, da comunidade e da sociedade.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. **A criança deficiente e a aceitação da família**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1993.
- BRASIL. 2002, **Lei de Libras** - Lei 10436/02 | Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em:
https://www.udesc.br/arquivos/udesc/documentos/Lei_n__10_436__de_24_de_abril_de_2002_15226896225947_7091.pdf. Acesso em 01/03/2022.
- BRITO, Lucinda F. et al. Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. Vol. 3 Brasília: SEESP, 1997.
- CHOI, Daniel, [et. al] Libras - **Conhecimento além dos sinais**. 1.ªEd. São Paulo- Editora: PEARSON. 2011
- FARIA, Evangelina Maria Brito de e ASSIS, Maria Cristina de. (Orgs.) **Língua portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas**. Vol. 5. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- FAPESP. **Índios do Brasil**. Disponível em: '<https://revistapesquisa.fapesp.br/indios-do-brasil/>' target='_blank'>original aqui.</p><script>var img = new Image(); (1998). Acesso em: 03 de maio de 2022.
- FILHO, Genivaldo Oliveira Santos; OLIVEIRA, Rozilda Ramos dos Santos. **Educação dos Surdos: os desafios na comunicação entre surdo e a família**. São Paulo, 14 jan. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educa%C3%A7%C3%A3o-dos-surdos-os-desafios-na-comunica%C3%A7%C3%A3o-entre-os-surdos-e-a-fam%C3%ADlia/311113/>. Acesso em: 20/02/2022.
- FUNAI (Coordenadoria de Cacoal), NCPC – Núcleo de Coordenação e Promoção da Cidadania – NPDS – Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais. (2015).
- FURTADO, R.S.S. **Surdez e a relação pais-filho na primeira infância**. Canoas, RS: ULBRA, 2008.
- MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação** – Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 2012.
- MENDES. Matilde, **Educação escolar indígena Paiter Suruí e sua relação com os etnoconhecimentos**. Dissertação de Mestrado – Cáceres MT – UNEMAT, 2017. Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/PPGEdu/Dissertacoes/Defendidas_2017/Matilde_Mendes.pdf. Acesso em: 02 de maio de 2022.
- NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. **Família e Criança Surda**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006. Disponível Em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ciencCuidSaude/article/view/5146>. Acesso em: 28/02/2022.



A família Paiter Suruí e a surdez: os desafios da comunicação
Miriã Gil de Lima, Priscilla Alyne Sumaio Soares

QUADROS, E. C. de. **O ambiente familiar e as condições de acesso das crianças surdas à língua de sinais.** 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil e Fundamental) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000

QUADROS, R.M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SACKS, Oliver W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos** – 4ª reimpressão - São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

SALES, Shirlei Rezende. **Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisa em educação.** In.: Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação – Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 2012.

SANTANA, A. P. A. P. Berberian, G. Massi & A. C. Guarinello (Orgs.), **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações.** São Paulo: Plexus. (2007)

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 1ª ed. Florianópolis: UFSC. 2008.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terenas: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos.** UNESP. Dissertação de mestrado. Araraquara – SP. 2014.

VELOSO, Éden; MAIA Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez.** Curitiba: Editora Mãos e Sinais, 2013.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos: mapeamento das Línguas de sinais do Mato Grosso do Sul.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012